

EDUCAÇÃO EM FOCO: TEORIAS PSICOLÓGICAS NO PROCESSO EDUCACIONAL

PEGLOW, Jaqueline¹; MARTINS, Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Duarte ²

¹ Universidade Federal de Pelotas, Licenciatura em Filosofia; ² Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação – Departamento de Fundamentos da Educação.
duartemartinsneia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este estudo busca introduzir alguns dados sobre as teorias de aprendizagem clássicas e sua importância na formação docente e nas didáticas escolares.

Os agentes tradicionais como a família, a cultura e a sociedade na qual o indivíduo está inserido são de extrema importância para a formação individual e coletiva. Para Vygotsky (1995), o processo de apropriação da cultura e das características humanas criadas ao longo da história humana é, inicialmente, um processo de reprodução do uso social dos objetos da cultura, mediado por um parceiro mais experiente que demonstra o significado social dos objetos ou o instrua verbalmente, na escola esse é o papel do professor, ele é o mediador entre a cultura e o aluno.

Sabe-se que a aprendizagem é algo inesgotável e acontece na vida das pessoas de forma contínua e em todos os lugares onde estejam. No entanto, por fazer parte deste contexto e do cotidiano da maioria dos indivíduos em formação, a escola exerce um papel privilegiado neste processo, pois abrange todos os elementos fundamentais para a socialização do indivíduo e ainda tem a responsabilidade de dar sequência à aprendizagem.

Vygotsky considerava a escola como o melhor “laboratório cultural” disponível para o estudo do pensamento, “[...] espaço no qual o conhecimento é transferido para a criança como um sistema definido” (MOLL, 1996, p.3). A Escola, entretanto, nem sempre foi como é nos dias de hoje, as mudanças sociais, políticas e culturais implicaram consideráveis mudanças.

Nos séculos XII e XV o conhecimento necessário para desempenhar as funções do cotidiano era transmitido pela própria família, a escola era incumbida apenas de oferecer doutrinação religiosa, visto que não tinha como transmitir as destrezas e os conhecimentos que só poderiam ser adquiridos no próprio local de trabalho. Na idade média, a escola e o processo de educação eram vistos como um meio de adquirir ou instilar o hábito da produtividade, obediência e disciplina. Não era apropriado que “[...] ensinassem a ler e a escrever pessoas que não necessitavam mais que desenhar e manejar o barril e a serra [...]. O bem da sociedade exige que os conhecimentos do povo não se estendam além de suas ocupações” (CHARLOT; FIGEAT, 1985, p.84). Nesse sentido, domar o caráter dos alunos e dar a forma adequada a seu comportamento era mais importante que ensinar determinados conhecimentos, revelando uma obsessão por eficiência.

A escola como instituição social, de acordo com Pozo (2002, p.30), alcança um novo desenvolvimento como consequência da Revolução Industrial, da mecanização do trabalho e da concentração urbana da população durante o século XIX, consolidando-se no presente século com a generalização da escolaridade

obrigatória e gratuita nas sociedades industriais, o que produz, mudanças notáveis nas próprias demandas de aprendizagem geradas pelos contextos educativos.

Na atualidade, o papel designado às escolas, de transmissoras de conhecimentos, viu-se modificado pelo aparecimento de novos agentes de socialização, tais como os meios de comunicação (televisão, internet, etc.), que se converteram em fontes paralelas de informação e cultura (Carlotto, 2002).

Percebe-se que as mudanças culturais ocorridas na educação exigiram a necessidade do professor aprender não só muitas coisas, mas coisas diferentes. Em tempos pós-modernos, alunos e professores necessitaram adquirir muitas ferramentas diferentes para enfrentarmos tarefas bem diversas (POZO, 2002). De acordo com o autor, mudanças no campo das teorias científicas – psicológicas e filosóficas foram produzidas como alternativas para ajudar o professor.

Entre as teorias abordadas neste estudo destacamos, primeiramente, a teoria comportamental, que tem como principal representante Burrhus Frederic Skinner. Skinner concluiu, através de suas experiências, que a educação tem poder de controle. Assim, a aprendizagem é de responsabilidade do professor enquanto que o aluno deve ser controlado e manipulado, sendo premiado ou punido de acordo com seu comportamento. Apesar do crescente desuso da sua teoria, Skinner através dos conceitos de reforço positivo e negativo, demonstrou que essa forma de avaliação e controle dos alunos ainda é muito usada nas práticas educativas com o intuito de instilar os alunos a corresponderem às expectativas dos professores. Os reforços positivos (prêmios) elevariam a auto-estima do aluno, que estaria propenso a repetir o comportamento premiado. O reforço negativo (castigo) seria aplicado quando o aluno não cumprisse com o desejo do professor, com a intenção de diminuir a probabilidade de que repita a atitude. Para o autor, uma boa gradação de objetivos e tarefas, apoiadas em certas técnicas de aprendizagem específicas e acompanhada de um programa de reforços, levará a uma aprendizagem eficaz.

Já o autor da teoria psicanalítica, Sigmund Freud criticou tal repressão e questionou o excesso de poder investido aos professores e seu conseqüente abuso. Segundo o autor, somente através da renúncia do poder o professor pode identificar os interesses e necessidades do aluno, despertando seu desejo de aprender. Com o avanço da psicanálise e outras teorias do desenvolvimento humano, além da exigência de um novo perfil de profissional, houve uma mudança neste preceito de ensino.

Outra alternativa para explicar o processo de aprendizagem está relacionada à Teoria Construtivista desenvolvida inicialmente por Jean Piaget. Para o construtivismo, a estrutura psicológica não estaria já determinada como uma herança do ser humano, o sujeito nasceria com determinada predisposição, porém é na interação com o ambiente que vai desenvolver suas aptidões, como, por exemplo, a inteligência. Conforme Piaget, a aprendizagem é um produto da experiência na natureza humana, uma construção na qual as aprendizagens mais simples vão dando lugar a aprendizagens mais complexas e elaboradas. Quando os conteúdos apreendidos não são suficientes para enfrentar uma nova situação, o sujeito passa por um processo de desequilíbrio, que o obriga a modificá-lo ou a coordená-lo com outro esquema. O sujeito age sobre o mundo para transformá-lo de acordo as suas necessidades.

Para Franco (2000, p.15), ao encararmos o construtivismo como uma “teoria”, ele se esvaziará e não trará novidades. Mas se ele se tornar um instrumento para ajudar o professor a entender a realidade do seu aluno, e a partir deste entendimento passar a criar modelos de agir em sala de aula, então sim estaremos

resgatando a teoria. O construtivismo pode ser um modo original de pensar os problemas epistemológicos e tentar resolvê-los.

De acordo com Vygotsky é nas relações sociais que se dá o desenvolvimento dos indivíduos, que está intimamente relacionado com o processo de aprendizagem. O desenvolvimento humano, o aprendizado e as relações entre desenvolvimento e aprendizado são temas centrais nos trabalhos de Vygotsky, que buscou compreender a origem e o desenvolvimento dos processos psicológicos ao longo da história da espécie humana e da história individual.

A psicologia da educação no âmbito das Licenciaturas, ou seja, na formação de professores, tem sido uma das responsáveis pela apresentação dessas teorias que procuram explicar como o sujeito aprende. Assim, o presente trabalho tem como propósito introduzir alguns conceitos sobre as principais teorias de aprendizagem e refletir sobre seu papel como ferramenta para ser usada na formação dos futuros professores, hoje alunos das licenciaturas.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho é o resultado de um estudo realizado na disciplina de Fundamentos Psicológicos da Educação do curso de Licenciatura em Filosofia, durante o segundo semestre de 2010.

Abordamos inicialmente e de forma bastante sucinta, as Teorias Sócio-histórica, Comportamental, Psicanalítica e Construtivista-cognitiva e um breve percurso do papel de escola ao longo do tempo. Após, encerramos com uma reflexão sobre as teorias a partir de algumas inquietações provocadas nas discussões em sala de aula. Para atingir o objetivo proposto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando livros, artigos científicos e informações disponíveis on-line, possibilitando a verificação de algumas das mais importantes teorias da psicologia educacional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebe-se que não há uma teoria específica que fundamente a forma mais adequada de ensino-aprendizagem, todas contribuem. Embora os confrontos entre as diversas teorias sejam constantes, conforme Pozo (2002), a maioria dos debates parece sem sentido, pois falam de coisas diferentes, com bases diferentes. Segundo o autor, esse inútil debate se deve, em boa parte, a inveterada tendência reducionista que contamina grande parte da psicologia.

4. CONCLUSÃO

O que se observa é que não há uma única teoria que dê conta de todo o complexo da aprendizagem, algumas teorias podem oferecer melhores soluções em determinados casos e em outros não, cabendo ao professor fazer sua eleição ou eleições. A psicologia sozinha não tem como pensar a forma como se aprende. No entanto, diante das dificuldades que os professores encontram em sala de aula, as teorias podem ajudar a contorná-las ou ajudar a refletir sobre elas buscando alternativas em seu repertório pessoal.

Percebe-se, ainda, que embora haja algumas controvérsias entre as teorias sustentadas por Piaget e Vygotsky, ambas defendem a formação de indivíduos criativos e com grande senso crítico, conscientes de suas potencialidades e do

mundo ao seu redor, que sejam capazes de tomar suas próprias decisões e mudar sua realidade.

Entretanto, analisando o contexto da atual metodologia de ensino das escolas brasileiras, percebe-se que esse ideal de ensino ainda não faz parte do seu cotidiano, sendo considerado, para muitos, apenas utopia. Há uma distância considerável entre a teoria mencionada e a prática desenvolvida em sala de aula, sinalizando que talvez a escola ainda não esteja preparada para desempenhar funções tão abrangentes, limitando-se a repassar conhecimentos científicos distribuídos em disciplinas.

Os conteúdos escolares impressos em livros didáticos nem sempre possibilitam uma aprendizagem adequada. Sem estímulo para criar, inovar e buscar novos conhecimentos, e tendo os conteúdos apresentados em sala de aula como verdades absolutas, os alunos voltam a ser meros “tarefeiros”, como na Idade Média, e a escola perde sua função principal, tornando-se reprodutora de informações distorcidas da realidade.

Nesse contexto, o atual processo de educação apresenta-se como uma tarefa ambígua e bastante complexa, que exige esforço e dedicação por parte de todos os envolvidos. As mudanças, porém, são tão necessárias quanto inevitáveis e espera-se que a nova geração de educadores possa reverter esse quadro. Com esse intuito, as teorias tornam-se ferramentas importantes para ajudar o professor a interpretar a realidade e refletir sobre ela no que diz respeito a educar e a ensinar.

5 REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês, FURTADO, O; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2002.

CARLOTTO, S. M. A síndrome do *burnout* e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, Jan/Jun. 2001.

CHARLOT, B., Figeat, M. **Histoire de la formation des ouvriers**. Paris: Minerve, 1985.

FRANCO, K, Sérgio. **O construtivismo e a educação**. Porto Alegre, Mediação.1998.

MOLL, C., Luis, **Vygotsky e a Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

POZO, Juan I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.